



Maré de Lua

Guaraqueçaba, Ilha Rasa, Almeida, Ponta do Lanço, Mariana, Medeiros, Vila das Peças, Bertioga e Barra do Ararapira

Ano 1 • Nº 2 • Maio de 2004

EDITORIAL

Em busca de interação com as comunidades

O *Maré de Lua* apresenta nesta edição a opinião das comunidades sobre o jornal. Os comentários foram retirados dos questionários de avaliação, que vieram junto com o primeiro número da publicação, lançada em novembro de 2003. As observações, críticas e elogios recebidos foram muito proveitosos para toda a equipe responsável pelo *Maré de Lua*. Isso porque nos deram um estímulo ainda maior para tentar produzir um jornal adequado à realidade local.

Nesta edição, o leitor já encontrará atendidos alguns dos pedidos escritos nos questionários. Um exemplo é a reportagem que aborda o problema do acúmulo de lixo nas ilhas. Há ainda a matéria que resultou de uma solicitação dos moradores de Bertioga, que pediram mais informações sobre o papagaio-de-cara-roxa e sobre um dos locais de grande concentração dessa ave: as ilhas de Pinheiro e Pinheirinho, localizadas próximas à comunidade. A reportagem está na página 8. Nela, três moradores de Bertioga contam como colaboraram com a conservação da espécie ameaçada de extinção.

O jornal procurou também, neste segundo número, trazer notícias de outras comunidades da região de Guaraqueçaba, como as vilas Fátima e de Superagüi. Esse é o nosso objetivo: estabelecer uma interação cada vez melhor. Por isso, não deixe de participar: nos envie sua carta, artigo, poesia ou desenho para que possamos publicá-lo em nossa página de opinião. Boa leitura!

Fandangueiros relembram tempos inesquecíveis



A reportagem especial desta edição resgata o fandango, festa típica que por muito tempo fez parte do cotidiano dos habitantes do litoral do Paraná. Em Medeiros e na Barra da Ararapira – comunidades onde antigamente havia fandango – moradores relembram danças, músicas, comidas típicas e outros elementos que compunham a beleza da festa. Embora hoje já não tenha a mesma frequência que no passado, a tradição continua viva graças ao esforço de pessoas como Leonildo (foto). Ele é o mestre dos grupos de fandango *Família Pereira* e *Irmãos Pereira*.

PÁGINAS 4 e 5

Confira nesta edição:

Descubra quem foi o Major Domingos do Nascimento	2
Maré de Lua realiza sorteios nas comunidades	3
SPVS cede espaço para desenvolvimento do artesanato em Guaraqueçaba	8

O lixo em debate

As associações de moradores das vilas das Peças, do Almeida e da Ilha Rasa contam o que já foi feito para tentar solucionar o acúmulo de lixo, um grave problema vivido pelas ilhas que fazem parte do município de Guaraqueçaba. Em Vila Fátima, moradora encontra um caminho alternativo: transforma garrafas de plástico, latinhas de refrigerante e sacos de frutas vazios em artesanato.



Depósito de lixo em Peças, próximo à entrada da vila

PÁGINA 6

A gente conferiu a sua opinião

Maré de Lua apresenta os comentários dos leitores sobre a 1ª edição

No primeiro número do *Maré de Lua*, os moradores das comunidades encontraram um questionário de avaliação. Por meio dele, os leitores puderam expressar sua opinião em relação ao Jornal e ainda concorrer a prêmios (*confira matéria na página 3*).

A equipe do *Maré de Lua* recebeu 417 cupons preenchidos e deles retirou várias idéias para esta 2ª edição e para as outras que virão. Na página 6, por exemplo, o leitor irá encontrar uma matéria abordando o problema do acúmulo de lixo nas comunidades. Esse assunto foi uma sugestão identificada em mais de 50 cupons da Vila das Peças. Confira ao lado outros comentários.

Bom, regular ou ruim?

A primeira pergunta do questionário de avaliação procurou saber se os leitores avaliavam o Jornal como uma iniciativa boa, regular ou ruim. Veja os resultados:

Comunidades	Cupons	Boa	Regular	Ruim
Almeida	31	100%	-	-
Barra do Arapirã	30	56,6%	40%	3,3%
Bertioga	24	95,8%	4,1%	-
Guaraqueçaba	95	93,6%	6,3%	-
Ilha Rasa	67	68,6%	26,8%	4,4%
Medeiros	25	96%	4%	-
Vila das Peças	145	93,1%	6,2%	0,6%

A voz das comunidades

Almeida

Eu achei muito interessante o assunto da Cozinha Comunitária

Barra do Arapirã

Foi muito importante a entrevista com o pescador Josino

Bertioga

É bom o trabalho que vocês estão fazendo sobre o pessoal da ilha

Guaraqueçaba

Eu gostei do Maré de Lua porque ele é fruto de trabalho em parceria com as comunidades

Ilha Rasa

Conservar a imparcialidade e continuar mostrando os talentos da nossa região

Medeiros

Que este jornal seja um excelente veículo para expor as grandezas e as dificuldades da região

Vila das Peças

Projeto Baía Limpa Urgente

Major Domingos do Nascimento: ilustre guaraqueçabano

Enio Januário Nascimento*



Arquivo pessoal

Quando falamos de Guaraqueçaba e reverenciamos a nossa cidade, principalmente quando dizemos que seu nome atravessou fronteiras, logo vem à mente o seu potencial no contexto ecológico. Esquecemos às vezes ou sempre ou até ignoramos que exista ou existiu em outro contexto alguma coisa ou alguém que fez seu nome atravessar fronteiras.

Queremos falar aqui em arte, política, patriotismo, solidariedade e exaltar o nome do Major Domingos do Nascimento. Nome digno e bem colocado à rua principal da cidade, onde está localizada a Prefeitura, a Câmara Municipal, o Salão Paroquial e as Igrejas Pentecostal e Católica. Nasceu na cidade de Guaraqueçaba em 31 de maio de 1863, filho de Francisco Luiz do Nascimento e Antonia Luiza do Nascimento. Dotado de inteligência invejável, concluindo seus estudos primários e, como não havendo em seu município de origem recursos para uma educação aprimorada, transferiu-se para Curitiba a fim de seguir a carreira das armas. Servindo à Pátria em 21 de fevereiro de 1881, seguindo pouco depois para o Estado do Rio Grande do Sul, onde iniciou seus estudos profissionais na cidade de Porto Alegre, construindo aí seu domicílio. Nessa ocasião, liderou um grupo de alunos republicanos, quando colaborou assiduamente com o Partido Republicano do Rio Grande do Sul. Ali, fez cursos distintos, alcançando a graduação de alferes e, em 1892, redigia e gerenciava vários jornais e revistas dos maiores conceitos, comprando várias brigas políticas com o general comandante daquela brigada e, em consequência disso, acabou sendo preso.

Por seus estudos, bravura e patriotismo, foi promovido a primeiro-tenente e depois promovido a major. Nas fileiras partidárias, ocupava sempre posto que lhe cabia pelo seu talento, inteligência, dedicação e extraordinária capacidade. Casou-se em Porto Alegre e, em meados de 1894, voltou para Curitiba, e um ano depois foi eleito deputado estadual, atuando na Comissão de Justiça e Redação.

No seu estúdio, continuava a trabalhar muito, onde escreveu vários livros e poesias de grande repercussão nacional. Apaixonado pela música, elogiado no meio artístico, foi ainda sócio-fundador do Centro de Letras do Paraná e Patrono da extinta Academia de Letras do Paraná. Autor de vários hinos, entre eles, o atual Hino do Paraná e o Hino de Paranaguá.

Faleceu em Curitiba em 30 de agosto de 1915, deixando no Paraná, ou melhor, em Guaraqueçaba, parte de sua família, com acentuado grau de parentesco, que por dom ainda traz no sangue algum dote poético, político e artístico do Major Domingos Virgílio do Nascimento. Trabalhou em prolas menos favorecidos, cantava em prosa e versos por onde passava o amor pelo seu povo e sua terra natal: Guaraqueçaba. ■

* Descendente direto do Major Domingos do Nascimento e desenhista arquitetônico da Prefeitura Municipal de Guaraqueçaba

Carta do Leitor



Confira a primeira recebida pelo *Maré de Lua*. A mensagem foi enviada pela internet por Luciano Vidal Barbosa, morador de Guaraqueçaba.

Gçaba, 14/11/2003

Senhor(a) Responsável:

Venho por meio deste informar que recebi em meu serviço, Prefeitura Municipal, um exemplar do Jornal Maré de Lua. Adorei a reportagem.

Algumas sugestões:

1 - Seria muito bom ver nos próximos exemplares histórias de pescadores locais. Principalmente a do meu avô, Albertino Barbosa, que após pegar o peixe de seus sonhos, veio a falecer no dia seguinte.

2 - Piadas, e
3 - Cruzadinhas a nível bem leve para crianças, tais como: nome do animal que....., fruto da árvore....., ave.... e muito mais.
Parabéns, continuem assim.

Resposta

Luciano, o *Maré de Lua* agradece seus elogios e sugestões. A equipe do Jornal gostaria também de convidá-lo a escrever um artigo sobre a história de seu avô, o pescador Albertino Barbosa. Caso queira atender nosso convite, favor entrar em contato com o Professor Wilson de Souza (Negrola).

EXPEDIENTE *Maré de Lua* é uma publicação semestral, destinada a comunidades da Área de Proteção Ambiental (APA) de Guaraqueçaba onde atua o Projeto de Conservação do Papagaio-de-cara-roxa.

Jornalista Responsável (voluntária): Juliane Bazzo (Registro Profissional 05341/DRT-PR) **Fotos:** Zig Koch (Exceção Página 3: Arquivo SPVS) **Projeto Gráfico e Diagramação:** Celso Arimatéia **Ilustrações:** Denise Costa **Conselho Editorial:** Elenise Sipinski (Tise) - Bióloga Coordenadora do Projeto de Conservação do Papagaio-de-cara-roxa, Ivair Pereira de Siqueira - Funcionário do Projeto de Conservação do Papagaio-de-cara-roxa, Juliane Bazzo - Assessoria de Comunicação da SPVS, Liz Buck Silva - Engenheira Florestal Educadora Ambiental da SPVS, Wilson Nunes de Souza (Negrola) - Professor Consultor da SPVS **Impressão:** Gráfica O Estado do Paraná. **Tiragem:** 3.000 exemplares.



Rua Gutemberg, 296 CEP: 80420 030 Curitiba Paraná Tel. / Fax: (41) 242-0280
www.spvs.org.br - e-mail: jornalismo@spvs.org.br

Colaborador:



Maré de Lua realiza sorteios nas comunidades

Além de conferirem a entrega dos prêmios, os moradores assistiram a uma peça de teatro



Bertioga



Guaraqueçaba



Ilha das Peças

A peça de teatro resgatou tradições como o Fandango e destacou a importância de se proteger as riquezas naturais da região

Cerca de 180 pessoas compareceram aos sorteios promovidos pelo *Maré de Lua* entre os dias 28 e 30 de janeiro. Durante esse período, a equipe do Jornal esteve nas comunidades de Medeiros, Vila das Peças, Bertioga, Barra do Arapira e Ilha Rasa. Nesta última, o sorteio foi realizado na Ponta do Lanço, ponto central onde os moradores das quatro vilas da ilha puderam reunir-se. Em Guaraqueçaba, o sorteio iria acontecer no dia 30 de janeiro, mas precisou ser adiado em virtude de uma falta de luz. O evento acabou sendo realizado em 16 de março, na escola da cidade.

Para participar dos sorteios, os moradores precisavam ter respondido ao questionário de avaliação que veio junto com a primeira edição do *Maré de Lua*. Por meio dele, os leitores podiam expressar sua opinião sobre o Jornal e dar sugestões para as próximas edições (*confira na página 2*). Depois de preenchidos, os cupons deveriam ser depositados em urnas instaladas nas comunidades.

Uma cesta com utilidades para toda a família e uma camiseta do Projeto de Conservação do Papagaio-de-cara-roxa da SPVS foram os prêmios sorteados. Antes da entrega dos brindes, os moradores assistiram a uma peça de teatro de bonecos, apresentada pelo grupo *Mamulengo Fâmulos de Bonifrates*, de Guaraqueçaba. Os atores procuram destacar em seus espetáculos as tradições locais e as riquezas naturais da região. O cotidiano das comunidades também está bastante presente. Em Ilha Rasa, por exemplo, o personagem da peça apresentada que mais fez sucesso entre as crianças foi o pescador.



Barra do Arapira



Medeiros



Ilha Rasa

RESGATE DA CULTURA POPULAR

Os integrantes do *Mamulengo Fâmulos de Bonifrates*, juntamente com outros moradores de Guaraqueçaba, estão participando de um curso de capacitação desde abril. Eles estão aprofundando seus conhecimentos sobre a cultura popular paranaense, especialmente a do município, que inclui tradições como o Fandango, a Folia do Divino e a Congada. Baseado nesse estudo, o grupo irá construir um espetáculo teatral ao final do curso, com término previsto para fevereiro de 2005. A capacitação está sendo promovida pelo Projeto de Conservação do Papagaio-de-cara-roxa da SPVS. Os encontros acontecem uma vez ao mês e são conduzidos pelo arte-educador Itáercio Rocha.

Moradores de Medeiros e da Barra do Ararapira contam como eram as festas de fandango

Fandangueiros relembram tempos inesquecíveis

Não se sabe ao certo quando e como o fandango surgiu no Paraná. O fato é que esse tipo de festa, por muito tempo, fez parte do cotidiano das comunidades do litoral do estado e era realizada por vários motivos. Havia o chamado fandango de mutirão, quando grupos formados por homens e mulheres se reuniam aos sábados para trabalhar na terra de um dos moradores. Desse modo, o serviço que duraria mais de uma semana, era concluído em apenas um dia. Além da comida, os trabalhadores recebiam como pagamento um fandango, que se iniciava na noite de sábado e iria acabar só no domingo.

Fora do ritual do plantio, um aniversário, um casamento ou simplesmente a vontade de se divertir eram bons motivos para se fazer um fandango. Na época de carnaval, a festa tornava-se ainda maior. “Eram quatro dias e quatro noites. A gente colocava máscaras e todo mundo dançava fantasiado”, conta Manoel Romão da Costa, que mora em Medeiros, um dos locais onde havia esse tipo de festa no passado. Segundo ele, o último fandango realizado na comunidade aconteceu há mais de 40 anos.



Manoel Romão da Costa, 52 anos. Em Medeiros, conhecido como Maneco



O violeiro Geraldo Romão, 66 anos, primo de Maneco



Os compadres Antônio e João Pires: fandangueiros à procura de uma viola

de pandeiro. Apenas os homens tocavam, cantavam e sapateavam com os tamancos. Mas nem por isso as mulheres deixavam de saber as músicas de cor. “Dondom, Dondom Maria / Dondom, Dondom Maria / Me deitei no colo dela / Tinha sono e não dormia”, relembra a fandangueira de Medeiros Maria do Rosário Gomes, 58 anos.

Ingredientes da festa

Nos fandangos, havia diversas comidas típicas, como cuscuz, biju, peixe e barreado. A pedido dos comerciantes, os violeiros anunciavam, cantando, as delícias que poderiam ser apreciadas na festa. “A música nós fomos trovando da idéia da gente mesmo”, afirma o violeiro João Pires, da Barra do Ararapira.

Os rapazes também aproveitavam a habilidade dos violeiros e a variedade de comidas típicas – especialmente os doces – para presentear as moças. Daí, surgiam muitos namoros e até casamentos. Mas, segundo Isabel Mendes Maia, moradora de Medeiros, “existia muito respeito entre todos os que estavam dançando no salão”. Era obrigatório, por exemplo, que os homens pedissem licença entre si para dançarem com as mulheres uns dos outros.

Lembranças

De acordo com Isabel, pessoas de várias comunidades apareciam para conferir o fandango em Medeiros. Segundo ela, o fandango do local era tão bom que, há uns 10 anos, moradores foram convidados a participar de um campeonato em Paranaguá. “Nosso grupo ficou em primeiro lugar, empatado com o de Valadares [filha que pertence ao município de Paranaguá]”, conta Jorge José, que marcou presença tocando adufe.

Lauro José do Rosário, também morador de Medeiros e tocador de adufe, relembra, ao pescar, os velhos tempos: sentado na canoa, vai e vem, cantando as antigas modas. “O fandango aqui acabou há tempo. Agora, é só baile”, diz. Com o passar dos anos – dizem os fandangueiros – aqueles que mantinham viva a tradição foram morrendo e os jovens, em sua maioria, não tiveram interesse em aprender. A diversão dos moços e moças transferiu-se para os bailes, que surgiram com a chegada de outros tipos de músicas, como a sertaneja e o forró.



Jorge José, 75 anos: no fandango, tocava adufe



A fandangueira Isabel Mendes Maia, 78 anos



Lauro do Rosário, 79 anos: vai e volta do mar relembrando as modinhas

À procura de uma viola

Assim como Medeiros, a Barra do Ararapira recebia pessoas dos mais diferentes lugares para participar do fandango. “Lembrar daquela época corta o meu coração. Era a coisa mais bonita que tinha”, afirma o morador João Pires. Ele e seu parceiro de viola, Antônio dos Santos Pires, descobriram uma maneira de manter a tradição: nos últimos tempos, voltaram a fazer apresentações. Uma delas aconteceu em setembro de 2003, quando os violeiros par-

ticiparam de um fandango na Vila das Peças, promovido para turistas.

As violas usadas nas apresentações realizadas até agora, porém, foram todas emprestadas, porque os parceiros, atualmente, estão sem os instrumentos. “Nossas violas estragaram com o tempo”, diz Antônio. Relembrando uma moda, João faz, então, o pedido a quem puder ouvi-lo: “Viola de cinco cordas / Cinco cordas mesmo tem / Quem me dera que eu possuísse uma para mim também.”

A saga da Família Pereira

A Família Pereira representa a resistência mais forte à extinção do fandango em Guaraqueçaba. Os Pereira vieram de São Paulo para o Paraná na década de 30 e se concentraram no Rio dos Patos, comunidade que pertence ao município. São famosos na região por saberem dançar um fandango nativo e fabricarem, artesanalmente, os instrumentos musicais da festa.

A qualidade do fandango produzido por mais de uma dezena de primos e irmãos levou à formação do *Grupo Família Pereira* e ao lançamento de dois discos, seguidos de shows em várias cidades do Brasil. “Ir gravar em Curitiba foi uma coisa que nós nunca sonhamos”, diz Anísio Pereira. O fandangueiro afirma que, na época da gravação, fazia uns 25 anos que não tocava. Segundo ele, quem não



Leonildo, 61 anos, e sua inseparável rabeca. Há seis anos, vive no Abacateiro, comunidade de Guaraqueçaba

deixou a chama se apagar, mesmo quando já não existia fandango no Rio dos Patos, foi um de seus primos, Leonildo Pereira.

Hoje mestre do *Grupo*, Leonildo conta que aos oito anos de idade já reparava no pai enquanto este dedilhava a viola. Sua paixão pela tradição o levou a criar um segundo conjunto – os *Irmãos Pereira* – grupo menor, formado por parentes de Leonildo que moram em São Paulo. Em certas regiões desse estado, subsiste um fandango similar àquele existente no Paraná.

Leonildo diz que gostaria de repassar seus conhecimentos aos mais jovens, mas para isso precisa de apoio. “O fandango tem que ser ensinado, não podemos deixar cair”, afirma. Para contratar os Pereira, basta entrar em contato com Nilo, pelo telefone (41) 482-1545.



Anísio, 62 anos, aprendeu a tocar viola aos 15. Mora atualmente na sede do município de Guaraqueçaba

Resistência

Várias iniciativas no litoral paranaense têm sido desenvolvidas para manter o fandango vivo na região. Confira

Associação dos Fandangueiros

Há 3 anos, nasceu a Associação dos Fandangueiros de Guaraqueçaba. Segundo o presidente da entidade, José Eiglmeier, a associação pretende promover a união dos fandangueiros e



José, ex-morador do Rio dos Patos, ao lado do violeiro Anísio Pereira

levantar recursos para apoiar o trabalho deles. No momento, a entidade está em busca de apoio para construir uma ‘casa do fandango’ no município – um local onde a tradição seria revivida. Mais informações pelo telefone (41) 482-1332.

Pirão do Mesmo

O grupo de teatro *Pirão do Mesmo*, nascido em Guaraqueçaba, está na estrada há 10 anos e tornou-se conhecido na região com o espetáculo intitulado *O Fandango*. Grande clássico da companhia e apresentado até hoje, a peça foi escrita por Renato Perré para teatro de bonecos e adaptada ao palco por Wilson Nunes de Souza (Negrola), líder do *Pirão*.

Caiçaras Arteiros

Na Vila de Superagüi, o grupo de teatro *Caiçaras Arteiros* estará conhecendo melhor, ao longo deste ano, a tradição do fandango. O resgate foi incentivado por um curso de formação, promovido pelo Instituto de Pesquisas Ecológicas (IPÊ) – organização não-governamental que atua no entorno do Parque Nacional do Superagüi. Na programação, estão incluídas aulas com os próprios fandangueiros da região.

Fandango em Superagüi

O *Bar Akdov* é o ponto de fandango na Vila de Superagüi. As festas acontecem sempre aos sábados, domingos e feriados.

Fandango em Paranaguá

Na Ilha dos Valadares, em Paranaguá, acontece fandango todos os sábados, a partir das 21h30. Quem conduz o espetáculo é o *Grupo Pé de Ouro*, formado pelos fandangueiros mais antigos da região. A entrada é gratuita. Quem tiver interesse em participar, deve entrar em contato com Paulo (41 9105-5111) ou Aorélio (41 9128-8693).

Em Paranaguá, existem também conjuntos de fandango que podem ser contratados para apresentações. Mais informações: *Grupo Mestre Engênio* (41 9128-8693) e *Grupo Caiçaras do Paraná* (41 9978-1263).

O lixo em debate

O acúmulo de lixo é um problema de longa data para as ilhas do município de Guaraqueçaba. Uma vez que não há serviço de coleta, os moradores encontram soluções alternativas para se livrar do lixo: queimam, enterram ou jogam em locais criados por eles para depósito. As conseqüências desagradáveis, porém, acabam se manifestando em algum momento. Entre elas, estão o mau cheiro, as doenças e a poluição visual, todas capazes de afastar os visitantes.

Na década de 90, por iniciativa do governo estadual, teve início na região o *Programa Baía Limpa*, quando moradores das comunidades ficaram responsáveis pela coleta, em troca do recebimento de cestas básicas mensais. Os resíduos recolhidos eram transportados para o lixão de Paranaguá. Em 2002, no entanto, o *Baía Limpa* foi interrompido e o Estado passou a realizar ações semelhantes somente de forma pontual. Um exemplo foi a coleta durante os meses da temporada de verão deste ano.

Associações de Moradores

O *Maré de Lua* foi conferir o que as associações de moradores das Vilas das Peças, de Almeida e da Ilha Rasa já fizeram ou têm feito para tentar solucionar o problema do lixo. Dentre os locais atingidos



“O lixo é algo que precisa ser discutido”

Oromar Cordeiro Barbosa

pelo jornal, esses são os de maior população e onde, portanto, a situação se agrava.

“Aqui, nós não chegamos a entrar em contato com a prefeitura para conversar sobre a questão”, afirma Diva Pinto de Oliveira, secretária da última gestão que esteve à frente da Associação



O lixo em Almeida

ção de Moradores de Almeida. No que diz respeito à procura por uma solução, Diva relata que as únicas ações realizadas foram em parceria com a SPVS e o *Programa Baía Limpa* (*saiba mais no quadrinho*). Do mesmo modo, a Associação de Moradores da Ilha Rasa nunca debateu a dificuldade com o governo municipal. “Mas acho que é algo a se discutir”, declara Oromar Cordeiro Barbosa, presidente recém-eleito.

Já na Vila das Peças, local de grande fluxo de visitantes, a associação de moradores entrou em contato diversas vezes com a prefeitura, mas não obteve resposta concreta. “A associação arcou, em inúmeras oca-

Projeto Saúde Comunitária

As comunidades de Ilha Rasa e Almeida integraram o *Projeto Saúde Comunitária*, iniciado pela SPVS em 1994. As ações relacionadas ao lixo se intensificaram em 2001, quando foi discutida com os moradores a possibilidade de construção de abrigos para os resíduos. A idéia era que a própria comunidade gerenciasse o depósito – desde a coleta, separação, transporte e venda do lixo em Paranaguá – e fosse, desse modo, beneficiada. Para isso, contaria com o apoio da SPVS e do *Baía Limpa*. No entanto, o financiamento do *Projeto Saúde Comunitária* encerrou-se em 2002 e, no mesmo ano, a iniciativa do governo estadual foi interrompida. No momento, a SPVS encontra-se em busca de recursos para retomar as atividades do projeto. ■

Maré de Lua apresenta opiniões de moradores e do secretário de meio ambiente de Guaraqueçaba sobre a questão

siões, com os custos de coleta e transporte do lixo”, relata Iná Xavier Pereira, então presidente em exercício. “Turista que vê esse acúmulo nunca mais põe os pés aqui. E não é culpa da associação, porque nós temos batalhado”, completa.

Prefeitura

Segundo o Secretário Municipal de Meio Ambiente, Gilberto Ziys, está sendo elaborado um projeto para construção de um aterro sanitário na sede de Guaraqueçaba. A proposta é resultado de uma parceria entre a prefeitura do município e a Superintendência de Desenvolvimento de Recursos Hídricos e Saneamento Ambiental (SUDERHSA), ligada ao governo estadual. Ao contrário do lixão, o aterro sanitário permite uma armazenagem adequada, sem prejuízos ao meio ambiente e à saúde.

Gilberto declara que, futuramente, o lixo gerado nas ilhas poderia ser depositado no aterro, que já possui local definido, localizado na Estrada do Bronze. No entanto, afirma que a prefeitura não possui recursos financeiros e humanos para a realização da coleta. “Estamos em busca de parcerias para elaborar um projeto que possibilite a coleta do lixo nas ilhas. Desse modo, poderíamos procurar outras fontes de financiamento”, diz.

“Turista que vê esse acúmulo não põe mais os pés aqui”

Iná Xavier Pereira



De acordo com o Secretário, um espaço para se discutir o assunto será o Conselho Municipal de Desenvolvimento Rural, Pesqueiro e Ambiental de Guaraqueçaba, que está em processo de criação. Além de representantes governamentais, farão parte do Conselho entidades ambientalistas e moradores das comunidades. ■

Lixo que vira arte

O *Maré de Lua* encontrou na Vila Fátima, município de Guaraqueçaba, a artesã Ivonete Ramos Martins. Há dois anos, ela aproveita todo o lixo reciclável gerado no bar da família para produzir tapetes, cortinas e outros enfeites. Confira o que ela tem para contar:

Que materiais e ferramentas você utiliza?

Garrafas e sacolas de plástico, latinhas de refrigerante, sacos de frutas, entre outros, além da tesoura e da agulha de crochê.



A artesã Ivonete: mãos à obra

Qual foi a primeira peça que você produziu?

Foi um tapete, feito de sacos plásticos para lixo.

Você comercializa?

Os turistas que visitam a comunidade acham bonito e acabam sempre levando alguma coisa.

Quais são os resultados em relação à quantidade de lixo?

O bar gera bastante lixo e depois que eu comecei esse trabalho, o volume diminuiu. Isso é bom para o meio ambiente, porque o lixo não fica jogado em qualquer lugar. ■

Uma parceria com a natureza

O meio ambiente possui importantes colaboradores nas comunidades: os professores. Diariamente, eles têm ensinado por que é necessário proteger o lugar onde vivemos. O alcance das mensagens transmitidas pelos educadores em sala de aula é muito maior do que se possa imaginar. Isso porque, todos os dias, cada aluno leva para casa um pouco daquilo que aprendeu.

Devido à importância de seu trabalho, os professores se posicionam na comunidade como líderes. Mas ser líder não é nada fácil. Muitos desafios precisam ser superados para que o conteúdo dado em classe se transforme em ações concretas.

Nesta edição, o *Maré de Lua* apresenta as dificuldades e conquistas vividas por duas professoras, na tarefa de melhorar a relação das pessoas com o meio ambiente. Elas são **Diva Pinto de Oliveira**, professora de 1ª e 2ª séries em Almeida, e **Margarida de Jesus Muniz**, educadora de 1ª a 4ª série na Barra do Ararapira.

Como o meio ambiente tem sido abordado em sala de aula?

Diva – A gente utiliza textos para mostrar as conseqüências que o descuido à natureza pode trazer e também desenvolve atividades práticas. Um exemplo foi um trabalho de plantação de palmito na floresta, em parceria com a Polícia Florestal. As crianças ajudaram a montar um viveiro, plantaram as sementes, acompanharam o crescimento e depois levaram para a floresta. Houve ainda uma atividade realizada em parceria com a SPVS: as crianças traziam diversos tipos de embalagens de casa

(pacotes de salgadinhos, sucos, bolachas etc.) e enviavam às fábricas produtoras. A idéia era chamar a atenção das empresas sobre o acúmulo de resíduos e, ao mesmo tempo, dar um destino para o lixo, uma vez que nas ilhas não existe coleta.

Margarida – A questão do meio ambiente é trabalhada principalmente na disciplina de ciências, com atividades no quadro. Discutimos vários assuntos, como a importância de se preservar as águas, de não se jogar lixo em qualquer lugar e não queimar a mata. Falamos também sobre os bichos em extinção, como o papagaio-de-cara-roxa. Procuro destacar sempre aos alunos que só a conservação é capaz de aumentar o número de animais.

Qual é a receita para que esses trabalhos tenham efeitos positivos?

Diva – É trabalhar a conservação conscientizando de verdade e não como troca, a exemplo do que aconteceu no *Programa Baía Limpa*. De outro modo, não haverá educação. É preciso esclarecer que cuidar é uma necessidade, para que as pessoas não acabem dando valor à natureza tarde demais. Esses tempos, a comunidade ficou sem água por dois dias. Daí, a gente aproveitou a ocasião para comentar o quanto é ruim não ter esse recurso, o quanto é necessário valorizar.

As crianças têm respondido bem às atividades?

Margarida – Sim. Quando fazemos trabalhos de recortes, por exemplo, os alunos ajudam na limpeza ao final da aula.



“É preciso trabalhar a conservação conscientizando de verdade e não como troca”

Diva, 45 anos, há 25 professora em Almeida

Vocês acham que os estudantes têm repassado em casa as mensagens aprendidas sobre a proteção à natureza?

Margarida – Eu acredito que sim. Porque, na questão da limpeza, por exemplo, a gente ensina não apenas a jogar o lixo no lugar certo quando eles estão na escola, mas também dentro de casa.

Diva – É fundamental que os pais nos ajudem nesse trabalho, que eles percebam as mudanças de comportamento das crianças e dêem continuidade em casa.

Qual é o sentimento quando as ações realizadas alcançam bons resultados?

Margarida – Eu me sinto muito feliz, porque é o ensinamento da gente que faz com que eles aprendam coisas corretas e as coloquem em prática. ■



“Eu me sinto muito feliz, porque é o ensinamento da gente que faz com que eles aprendam coisas corretas”

Margarida, 44 anos, há 21 professora na Barra do Ararapira

Moradores colaboram na conservação do papagaio-de-cara-roxa

Habitantes de Bertioxa relatam experiências vividas nas Ilhas de Pinheiro e Pinheirinho

Maurício, Eliel, Disney. Todos eles dedicaram um período de suas vidas para ajudar na proteção do papagaio-de-cara-roxa, espécie que corre o risco de ser extinta do planeta. Essa ave existe em apenas um lugar do mundo – na faixa litorânea que vai do sul de São Paulo ao norte de Santa Catarina e que compreende, portanto, todo o estado do Paraná.

Em 1991, Maurício Guimarães mudou-se com a família para Pinheirinho. Nessa época, ele havia



Eliel, 12 anos, participou com a SPVS de uma contagem de papagaios no ano passado

sido contratado, como funcionário terceirizado do Ibama, para administrar essa ilha e sua vizinha, chamada de Pinheiro. Ambas, fazem parte do Parque Nacional do Superagüi e não são abertas à visitação. Mas lá, Maurício não vivia sozinho: além de uns poucos habitantes nativos, se concentra

em Pinheiro e Pinheirinho uma grande população de papagaios-de-cara-roxa.

As aves utilizam a Ilha de Pinheiro como local de dormitório. A missão de Maurício era manter o ambiente calmo, para que a rotina dos animais não fosse prejudicada. “Se, por exemplo, aparecesse um barco, eu pedia para que não ficasse tão próximo à ilha, principalmente à tarde”, conta. Nesse período do dia, os papagaios retornam as suas casas para dormir. Caso haja alguma coisa errada – como excesso de barulho ou de luz – eles debandam para outro local.

Contagem

Na época, Maurício também ajudou o pesquisador da espécie Pedro Scherer Neto a levantar o número de aves que pernoitavam na Ilha do Pinheiro. As contagens aconteciam no início da manhã ou no fim da tarde – horários em que os papagaios saem ou voltam ao dormitório. Esse tipo de levantamento permite avaliar, a longo prazo, se a população aumentou, diminuiu ou não se alterou. “Diminuiu principalmente na época de reprodução, quando os casais permanecem nos ninhos e não voltam ao dormitório”, explica Maurício que, depois de oito anos em Pinheirinho, foi viver em Bertioxa para que seus filhos frequentassem a escola.

Quem pensa que contar papagaio é coisa só para gente grande está enganado. Eliel Silva Pereira, de 12 anos, também morador de Bertioxa, ajudou a equipe da SPVS a fazer uma contagem no ano passado. “Num só dia, consegui contar uns 600 papagaios”, afirma. Atualmente, os censos da ave no litoral paranaense são de responsabilidade do Projeto de Conservação do Papagaio-de-cara-roxa, encabeçado pela instituição.



Maurício, 45 anos, e Disney, 22: parceiros na proteção dos papagaios-de-cara-roxa



Rafael de Rívera

Cativeiro

No período que viveu em Pinheirinho, o filho de Maurício, Disney Guimarães, também colaborou com a SPVS. Ele, que na época tinha 16 anos, cuidou de um cativeiro montado pela instituição para abrigar animais apreendidos do tráfico. O comércio de espécies silvestres é um crime previsto na legislação brasileira e quem o pratica pode até ser preso.

A tarefa de Disney era ajudar os animais a se recuperarem. O começo foi difícil para alguns: não conseguiam voar, porque as penas de suas asas haviam sido cortadas – um procedimento usado pelos traficantes para impedir a locomoção da ave. Mas Disney foi persistente: todos os dias, alimentava os animais, inclusive com frutas nativas.

Disney cuidou do cativeiro durante um ano. Após esse período, os bichos foram transferidos – uma parte para o Zoológico Municipal de Curitiba e outra para o Parque das Aves em Foz do Iguaçu. ■

Carinho e Coragem

Disney conta que, certa vez, foi levar a Pontal do Sul um grupo de turistas que estavam na pousada hoje administrada por seu pai em Bertioxa. Entre as Ilhas do Mel e das Peças, ele avistou dois papagaios caídos no mar. Os animais haviam sido derrubados por um forte vento, trazido pela tempestade da madrugada. Disney decidiu resgatar as aves, mesmo sabendo que corria um risco: se fosse pego pela fiscalização, poderia ser acusado por tráfico de animais. “As ondas naquela costa são bravas e eles iam acabar morrendo”, explica. Disney conseguiu retornar a Bertioxa sem nenhum problema. Os animais, são e salvos, foram entregues às autoridades. ■

FIQUE SABENDO

Censo dos Papagaios - Entre os dias 21 e 23 de maio, a equipe da SPVS realiza mais uma contagem dos papagaios-de-cara-roxa em todo o litoral. O objetivo é avaliar, a longo prazo, como está a população das aves no Paraná. Isso permite determinar as estratégias adequadas para conservação da espécie. Os moradores das comunidades que tiverem interesse em participar, podem entrar em contato com a SPVS – (41) 242-0280.

Rádio-colar - Com o objetivo de conhecer melhor a rotina dos papagaios-de-cara-roxa – onde costumam dormir e se alimentar, por exemplo – a equipe da SPVS está colocando rádios-colares em filhotes da ave. Bastante leve, o rádio-colar não traz nenhum prejuízo à saúde dos animais. Por meio de uma antena, é possível captar o sinal e acompanhar o deslocamento dos bichos. Atualmente, estão sendo monitorados um total de oito animais – sete da Ilha Rasa e um das Peças.

Artesanato - O espaço onde funcionava o Núcleo de Convivência da SPVS, em Guaraqueçaba, será utilizado para capacitação de artesãos da região, por meio de cursos, oficinas e reuniões comunitárias. As atividades fazem parte de um projeto para geração de renda encabeçado pelo Programa de Voluntariado Paranaense (Provopar), entidade sem fins lucrativos conveniada ao governo estadual.